

NARRATIVAS FEMININAS DO MITOLÓGICO AFRICANO: ACLIMATAÇÕES EM SOLO BRASILEIRO.

Mauriene Freitas (PROLING/UFPB/ CAPES)
Wilma Martins de Mendonça (UFPB)

A cor negra das gentes africanas pincelou a nossa tez e a nossa terra, abrigando a cultura africana, cujos traços permeiam as nossas expressões culturais, os nossos gestos, como o caminhar ritmado, a ginga da cintura, o traquejo manso da fala, a altivez do porte, nos caracterizando, étnica e culturalmente, em face de outros povos.

A africanidade, perpassada pelas inevitáveis marcas da colonização, tornou-se um traço marcante da feição cultural brasileira. Herdamos de nossos ancestrais africanos, além da culinária e da indumentária, a suavidade de nossas palavras, o sabor quente de nossos alimentos, o ritmo de nossa música, o dengo que se faz infinitamente doce no amar. Dessa negritude, que absorvemos e abençoamos, herdamos, também, a religiosidade. Com a religião negra, vieram os orixás africanos que, nos adotando com os cuidados que dispensaram aos seus filhos nas senzalas, nos consola e nos dá a esperança, elemento vital ao humano.

Os grandes e poderosos orixás africanos que se abrigaram, que tomaram a forma do povo que eles mesmos ajudaram a tecer, terminariam por impregnar a natureza de nossa terra e a nossa alma com seus símbolos sagrados, numa elaborada arte de compor e recompor o aparentemente díspare, na difícil reconstrução do que fora destruído, através de um processo amalgamador, capaz de transpor espaços intransponíveis.

O processo de colonização moderna transplantou, violentamente para a América, enormes contingentes de povos africanos comprometendo e destruindo, assim, a estrutura familiar negra. Dessa destruição seria construída, dialeticamente, a família brasileira, em seu intercurso com os elementos culturais dos povos indígenas e do europeu.

A mitologia que outrora pertencera aos africanos amalgamou-se com o sistema sagrados dos índios e dos cristãos, formando, assim, o que chamamos hoje de cultura brasileira. Deuses e deusas, até então, nunca vistos, ou melhor, nunca ouvidos, com particularidades e, principalmente, com dons desconhecidos, entrinharam-se no imaginário brasileiro. Nessa compreensão, nos voltamos para o estudo da religião politeísta africana, em especial para as suas divindades femininas, conhecidas e reverenciadas no Brasil, não obstante o preconceito e a hierarquização eurocêntrica tão atuais ainda hoje, legados nocivos e renitentes deixados pelos portugueses.

1 ORIGEM DO MITO

O sentimento de religiosidade é representado entre os africanos como **axé** (força, poder, energia) e está diretamente ligada à família, ou melhor, à perspectiva de clã. Em suas origens, os orixás foram considerados como detentores de axés poderosos, vinculados à natureza, como por exemplo, ao trovão, às chuvas, à caça ou até mesmo ao manuseio dos metais. Isto quer dizer que, nos primórdios, uma determinada família de um ancestral, possuidor de talentos especiais, estabeleceu vínculos com alguns elementos da natureza. Assim, torna-se claro que os méritos alcançados pelo ancestral divinizando são subordinados às necessidades primárias da família, no sentido de sobrevivência, tal como acontece no sentido de economia ou mesmo no aspecto sociopolítico. Tais ancestrais, provavelmente, passaram a ser vistos como portadores de atributos sobrenaturais, ou até mesmo, divinos. Daí o seu caráter social, de cujo desempenho dependerá a colheita, a fertilidade animal, a tranquilidade das águas para a pesca e todos os fatores ligados à sobrevivência do grupo. Numa família africana cuja base seja a agricultura, o orixá correspondente estará sempre ligado a essa atividade, e o mesmo ocorrerá com outras atividades distintas. Mas isso não impede que outras famílias não possam ser protegidas pelo mesmo orixá de axé poderoso.

A noção abrangente da família africana inclui não tão somente os vivos, mas alcança os mortos, numa busca de garantia da totalidade familiar. Essa busca deriva, precisamente, da crença na reencarnação, encarada como o retorno de um morto para uma determinada família, para os seus descendentes. O conceito de morte, desprovido do caráter trágico da perspectiva ocidental, considera o fenecimento humano apenas como o abandono do **ara** (corpo) pelo **emi** (sopro) e não como uma ruptura geral da convivência do morto com o seu universo familiar. Mesmo relativizada, a morte africana é desconhecida, como fenômeno, dos ancestrais divinizados. Estes não são considerados como espíritos de mortos, mas rei, princesas que representam a força da natureza. Desse modo, em casos de crise emocional violenta, os chamados orixás podem se metamorfosear e abandonar o corpo material, permanecendo assim só o axé.

1 MULHERES E PODER

Repleta de deuses femininos, ao contrário do panteão cristão, a religiosidade negra reafirma a importância da mulher na cultura africana, seja na família ou na mitologia, sistemas intrinsecamente ligados.

Realçada pela organização social dos africanos, a figura do feminino está sempre presente, exercendo os mais variados papéis sociais. Ora a mulher é senhora do lar, ora é amante; ora é mãe, ora é guerreira, dividindo o poder com os homens, como bem demonstram as narrativas míticas dos orixás femininos, que veremos a seguir.

Yansã

Yansã é o orixá que preside os ventos e as tempestades e senhora do poder de dominar os eguns. Esposa preferida de Xangô, deus dos raios e dos trovões, espécie de *Dom Juan* africano, Yansã é caracterizada por uma forte sensualidade e pelo caráter grandemente voluntarioso e ardente.

Segundo a narrativa mítica, um dia Xangô recebeu dos deuses um preparado que lhe permitiria lançar fogo e chamas pelo nariz e pela boca. A realização dessa possibilidade, que o tornaria invencível; tinha, contudo, um obstáculo: era preciso ir buscar o preparado mágico em um lugar distante. Mandou então Xangô que Yansã, sua mulher, fosse buscar “o tal preparado”, que o tornaria mais poderoso. Mas recomendou-lhe que não o experimentasse. Lá se foi Yansã. Na volta, porém, a favorita de Xangô não resistiu ao desejo de experimentar a poção mágica e então a bebeu. Quando soube, Xangô ficou furioso, porém já era tarde. Através dessa bebedeira, Yansã adquire o poder mágico, transformando-se num orixá guerreiro tão forte quanto Xangô, estabelecendo, no plano mítico africano, a igualdade de gênero.

Orixá guerreiro, Yansã é, também, representante da sexualidade. Antes de ter sido mulher de Xangô, a quem acompanhou nas guerras e por quem também se atirou nas profundezas da Terra, foi mulher de Ogum, senhor da guerra e dos metais. Nos textos sobre Ogum, narra-se que um dia ele foi caçar e viu um majestoso animal, um búfalo que vinha em sua direção. Quando Ogum se preparava para matar o animal, ele viu que este se despojava de sua pele e que dela surgia uma mulher de porte altivo e de belas formas. Era Yansã. Ogum seguiu a mulher até o mercado da cidade, onde começou a fazer-lhe a corte, pedindo que ela casasse com ele. Yansã recusou e, ao voltar à floresta, não mais encontrou a sua pele que havia sido escondida por Ogum. Yansã pediu para que ele não contasse a ninguém sobre o seu encantamento e, ante a coação de Ogum, terminou obrigada a casar com o orixá.

O tempo passou e Yansã teve nove filhos. As outras mulheres de Ogum, invejosas da fertilidade de Yansã e, provavelmente, de sua beleza, descobriram o seu segredo e quando Ogum se ausentou de casa, disseram-lhe: Você pode ser bela, mas sua pele está lá no fundo do depósito de milho. Você é um animal. Yansã, com raiva profunda, vestiu a sua pele e investiu contra as outras mulheres, matando-as. Depois fugiu, deixando na casa os seus chifres com seus nove filhos a quem prometeu: Quando precisarem de mim, batam estes chifres que eu, ouvindo o barulho, voltarei para ajudá-los. Por esse motivo, Yansã é simbolizada com chifres de búfalo nos candomblés. Sua arma é uma adaga recurvada, de dois gumes. Na outra mão, leva um

espanador feito de crina de rabo de cavalo e com este instrumento espanta os eguns, já que estivera no fundo da Terra e vencera a morte, adquirindo, portanto, o poder sobre os espíritos.

No candomblé, os filhos de Yansã usam colares feitos de contas de vidro de cor vermelho-escuro, grená. Como Xangô, seu marido, o dia que lhe é consagrado é a quarta-feira. Seus alimentos preferidos são as cabras e os acarajés. Não gosta de abóbora e a carne de carneiro (**eho**) é *tabu* para ela. Usa uma coroa cujas franjas de contas lhe escondem o rosto. Dança imitando os ventos, ou desempenha uma batalha ferrenha, caso Ogum esteja no recinto. Sua saudação é “Epa heiy Oyá” ou “Eparrei”.

Yansã é sensual, implacável e voluntariosa. Domina com seu chicote, feito de crina de cavalo (**eruexim**), os eguns. Suas ervas são o bradamundo, betis-cheirosos, dormideira, erva-santa e folha-de-fogo. Seu sincretismo, no catolicismo, é com Santa Bárbara, pelas semelhanças entre as suas histórias. Sabe-se que Santa Bárbara foi sacrificada por seu pai, por ter se convertido ao cristianismo, morrendo, pouco tempo depois, fulminada por um raio. Em outras versões, afirma-se que o pai de Santa Bárbara tentou violentá-la e, para impedi-lo, veio um raio do céu que o fulminou, livrando assim Santa Bárbara da agressão paterna. A presença do raio, nas vidas de Santa Bárbara e Yansã, justifica a aproximação entre a santa branca e cristã e a orixá negra, sensual e guerreira.

Nanan

Nanan é a divindade mais antiga do candomblé. Para muitos é a mãe de Omulú. Por ser o orixá feminino mais velho, seu sincretismo se fez com Santa Ana ou a Mãe de Nossa Senhora. Orixá das águas, Nanan é a senhora das águas das profundezas, dos pântanos escuros e nevoentos, ao contrário de Oxum que reina nas águas cristalinas. O mito de Nanan precede o mito da criação. Em algumas versões sobre a vida de Nanan, conta-se que na criação do mundo, na escuridão encontrada por Odudua, havia apenas o céu e as guas escuras, onde já reinaria Nanan.

No Brasil, quando Nanan aparece, nos fenômenos de possessão em suas filhas e filhos, apresenta-se muito cansada, com passos hesitantes, portando um brasão imaginário, no qual se apóia. É reverenciada com o carinho de avó muito querida. Sua cor é o azul; o seu **habitat** e elemento sagrado, como foi dito, são as águas profundas. Seus alimentos preferidos são cabras e galinhas-de-angola, que devem ser preparadas sem que sejam utilizadas facas. Nanan também aceita pratos de quiabo, preparados sem azeite, mas bem temperados. Para alguns, seu dia da semana é segunda-feira, junto com seu filho Omulú; para outros, é o sábado. Sua planta é a gameleira, que é a árvore do candomblé, adorada como Irôko, orixá pouquíssimo cultuado no Brasil. Nanan ora é considerada doce, plácida, calma e suave, ora como enfeitiçada, acreditando-se que ela tem um feitiço de nome Ibiri. No candomblé, quando chega é saudada por “Saluba” ou por “Saluba Nan”!

Oxum

Oxum, como Nanan, é também um orixá feminino das águas. Representa a sexualidade, é dengosa, cheia de trejeitos e profundamente vaidosa. Leva sempre nas mãos um pequeno leque (**abebé**), enfeitado de espelhos, com o qual se abana e no qual se admira.

Ao contrário de Nanan, reina nas águas cristalinas das cachoeiras e das cascatas. Nas águasdos regatos, costuma reclinar-se para se admirar no seu reflexo. É linda e faceira. Na África, o seu metal é o cobre; no Brasil seu metal é dourado, de latão.

De acordo com as narrativas sobre Oxum, no princípio do mundo, quando os orixás chegaram a Terra, realizaram-se muitas reuniões a fim de organizar o mundo nascente. Nessas reuniões, contudo, as mulheres não tinham nenhuma participação, eram-lhes vetadas as presenças. A dengosa Oxum ficou muito aborrecida com essa exclusão e resolveu vingar-se dos homens, impedindo o nascimento humano. Com o passar do tempo, os orixás masculinos perceberam que não nascia mais crianças, o que era muito preocupante, pois estas povoariam o mundo.

Alarmados, foram falar com o deus supremo, Olodumaré. Este, já a par dos

acontecimentos, perguntou-lhes se Oxum participava das reuniões, advertindo-lhes, em seguida, que sem a presença de Oxum nas reuniões, não haveria nascimento. Os orixás, acatando o conselho do Deus supremo, convidaram Oxum, representante do amor e da fecundidade. Esta resistiu, negaceou, mas acabou cedendo. Da participação de Oxum nas reuniões de organização do mundo, deveu-se a fecundação e a abundância da natureza e dos homens. Dessa forma, Oxum assegurou a participação feminina no plano político do mundo mítico e humano africano.

Segundo o mito, Oxum também é uma das mulheres de Xangô. Não obstante ser também muito bonita, Oxum não era feliz em seu matrimônio com Xangô. Este a deixava muito só. Eterno namorador, o grande orixá não se contentava com a beleza de Oxum. Saía de casa em busca de outros amores, de outras mulheres. Dengosa, Oxum reclamava sem parar, se desesperava entre lágrimas, chegando a irritar Xangô que terminou por aprisioná-la em seu palácio.

Um dia, o Exu Etameta, dono das encruzilhadas, passando em frente ao palácio de Xangô, viu numa varanda a pobre Oxum que chorava. Perguntou-lhe o motivo do sofrimento e Oxum, muito desiludida, contou-lhe as suas desventuras. O Exu penalizou-se e foi então procurar Orumilá (Ifá) que lhe deu um **ishe** (pó de folhas mágicas) e mandou dizer a Oxum que deixasse a janela aberta. O Exu então soprou pela janela o pó mágico. Imediatamente, Oxum viu-se transformada em uma pombinha que, rapidamente, voou e dirigiu-se à casa de seu pai, onde readquiriu sua forma original. Por este motivo, pombo é **eho** (tabu) para Oxum, que não o come. Os alimentos de Oxum são as cabras e as galinhas-de-angola; o seu dia da semana é o sábado. Sua representação social é o amor; sua cor é o dourado. Dengosa e caprichosa, não quis fazer guerra junto a Xangô. Dizem que, por este motivo, deu a sua irmã mais moça, Yansã, como esposa a seu marido e esta se transformou em um orixá feminino

guerreiro. Quando vem ao candomblé, Oxum é saudada pela expressão “Ora yeyê”. É sincretizada com Nossa Senhora das Candeias e Nossa Senhora Aparecida. Dizem ainda que se alimenta de camarão, inhame, cebola, coqueim, omoluku de feijão, fubá de milho, azeite de dendê e mel de abelhas. Ouro, requinte, graça, esperteza, vaidade e sexualidade: eis Oxum, o dengo e a malícia feminina!

Obá

Xangô teve três mulheres: Oba, Oxum e Yansã. Obá era a mais velha de todas, não era bonita e não conseguia desviar a atenção de Xangô, dirigida aos dengos e requebros de Oxum. Obá sofria de ciúmes. Um dia, ingenuamente, Obá pergunta a Oxum qual a feitiçaria que deveria fazer para que também fosse agraciada com a preferência afetiva de rei. Maliciosa, Oxum recomendou-lhe: “Corte uma das suas orelhas e com ela faça um guisado e dê para Xangô comer”. Oba seguiu o conselho de Oxum. Preparou o guisado com

a sua própria orelha e ofereceu ao marido. Este comeu, gostou e perguntou-lhe que comida era aquela de sabor tão delicioso. Oba, que havia amarrado um pano branco na cabeça, de modo a esconder a ferida, descobre a cabeça, mostrando-lhe: “Veja, é a minha orelha!”. Xangô saiu horrorizado porque todo orixá tem medo de sangue. Como a fecundidade feminina é de vital para os povos, e como os africanos acreditavam que a feminilidade estava localizada na orelha da mulher, a atitude de Obá despertou o desprezo de Xangô que nunca mais a procurou.

Obá raramente aparece nos terreiros e quando vem traz a cabeça amarrada por um pano branco, de modo a esconder a sua deformação. Quando encontra com Oxum, briga com ela num bailado sem igual. Obá come patos, galinhas-de-angola e cabras. Suas cores são o vermelho e o branco.

Yemanjá

Na mitologia africana, narra-se que o primeiro casal divino era formado por **Obatalá**, o céu; e **Odudua**, a Terra. Desse primeiro casal, nasceram dois filhos: **Aganjú**, o firmamento, e **Yemanjá**, as águas. Um dia, o firmamento (Aganjú) foi tomado por um profundo desejo sexual pela irmã, as águas (Yemanjá). Sabendo-se sozinho com sua irmã, Aganjú a perseguiu, com o

objetivo de violentá-la. Em algumas versões desse mito, assinala-se que Aganjú realmente possuiu a irmã; em outras, ela conseguiu fugir, escapando ao irmão. Em ambas as versões, testemunha-se que Yemanjá, em desespero, rola pelo espaço infinito. Seu ventre cresce e acaba por se romper e, de lá, de suas entranhas, nasce a vida. De seus seios, que também se avolumaram, saíram as águas doces que formaram os rios.

A idéia da criação do mundo, feita por um deus distante, pode parecer conflitar-se com outra idéia anterior, já mencionada, de serem os *orixás*, antepassados das tribos que, num passado distante, viveram na Terra e depois se metamorfosearam em orixás. Cumpre observar, contudo, que por acreditarem na reencarnação, os africanos poderiam admitir também que esses mesmos ancestrais divinizados tivessem sido encarnados pelo próprio orixá, por apresentarem um *axé* muito poderoso.

Yemanjá foi casada com Orumilá, ou Ifá, o senhor das adivinhações. Depois se casou com Olofin e com esse teve dez filhos, entre os quais Oxumaré, o arco íris, e Xangô, o trovão. Cansada de viver com Olofin, rei de Ifé, Yemanjá resolveu abandoná-lo. Assim, fugiu levando consigo uma garrafa com um feitiço, que deveria ser jogada ao chão, caso alguma dificuldade surgisse na sua fuga. Yemanjá conseguiu chegar a um lugar chamado *Entardecer-na-Terra*. Olofin, seu marido, já havia mandado um exército à sua procura. Quando foi encontrada, Yemanjá, por não querer voltar, jogou a garrafa com o feitiço no chão, conforme lhe havia sido ensinado. Um rio surgiu na mesma hora e, nas suas águas, Yemanjá foi para **Okun**, o oceano onde ela passou a viver.

Senhora das águas salgadas, as cores de Yemanjá são as de tons pastéis em rosa e azul-claro. Seu *axé* é fixado em pedras no mar, ou conchas marinhas, e guardado em vasos azuis de porcelana. No Brasil, a este orixá se incorporou traços de lendas nórdicas, traduzidos no mito da sereia. Por este motivo, é representada como metade mulher, metade peixe. Em alguns lugares do Brasil, o seu sincretismo se fez com Nossa Senhora da Conceição. Na Bahia, o sincretismo se faz com Nossa Senhora das Candeias e a sua festa acontece no dia dois de fevereiro. Yemanjá, Mãe das Águas, Janaína, com sua forma latina de sereia, Princesa ou Rainha do Mar, recebe os presentes dos fiéis no mar. Frascos de perfumes, sabonetes, adereços, talco, tecidos, alimentos e flores são colocados numa grande cesta, coberta de flores, que é levada por um saveiro para o alto mar, para ser entregue a Yemanjá. Com esses presentes, são enviadas cartas e bilhetes com os pedidos e as súplicas dos fiéis.

No Rio de Janeiro, a festa de Yemanjá acontece no dia trinta e um de dezembro, na última noite do ano. Nas praias, enorme multidão comparece e a paisagem se pontilha de luzes de velas acesas, onde se canta a Yemanjá, como também a outros orixás, igualmente sincretizados na umbanda. Pequenas embarcações coloridas de azul são fabricadas, em vários tamanhos, para levar os presentes para a Rainha do Mar. A festa começa ao entardecer e só termina ao amanhecer do dia seguinte. As praias da cidade são tomadas pelos habitantes da e pelos turistas que visitam a cidade.

O metal de Yemanjá é a prata e o seu dia da semana é o sábado. Yemanjá gosta de pombas e ovelhas. Seu elemento da natureza é o mar. Nas relações humanas, determina a abundância da pesca. As plantas que lhe são consagradas são a bradamundo, betis-cheirosos e olhos-de-Santa-Luzia. Quando aparece no candomblé, na posseção de seus filhos, é reverenciada com a saudação “Odó Iyá” ou “Odoiá!”. Yemanjá, deusa da vida, é também mãe de vários outros orixás.

Reverenciada em todo o país, o culto a Yemanjá seria considerado pelo antropólogo carioca, Darcy Ribeiro, como um “milagre” da criatividade do homem negro e da mulher negra, em terras brasileiras, como se pode aferir na passagem abaixo:

O fundamental, porém é que milagrosamente o povo, sobretudo o negro-massa, continua tendo erupções de criatividade. Este é o caso do culto a Iemanjá, que em poucos anos transformou-se completamente. Essa entidade negra, que se cultuava a 2 de fevereiro na Bahia e a 8 de março em São Paulo, foi arrastada pelos negros do Rio de Janeiro para 31 de dezembro. Com isso aposentamos o velho e ridículo Papai Noel, barbado, comendo frutas européias secas, arrastado num carro puxado por veados. Em seu

lugar, surge, depois da Grécia, a primeira santa que fode. A Iemanjá não se vai pedir a cura do câncer ou da AIDS, pede-se um amante carinhoso e que o marido não bata tanto. (RIBEIRO: 1995, p. 264)

Como quer que seja, o culto aos orixás africanos, em especial a Yemanjá, representa um testemunho vivo da resistência negra em nosso país, da imensa capacidade dos africanos e, posteriormente, dos afro-brasileiros em recriar, em meio à dolorosa fragmentação de seu sistema sagrado, a memória ancestral africana inserindo-a, ao mesmo tempo, em nosso universo cultural.

REFERÊNCIAS

- LEAL, Eneida. **Os orixás no Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Spala, 1989.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Umbanda**. São Paulo: Ática, 1986 (Série Princípios).
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. São Paulo: Ática, 1986 (Série Princípios).
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: evolução e sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- QUEIROZ, Suely Robles Reis de. **Escravidão negra no Brasil**. São Paulo: Ática, 1987 (Série Princípios).